

Paradigma da complexidade: uma leitura semiológica

ROBERTO RAMOS

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS

Resumo

O Paradigma da Complexidade, de Edgar Morin, parece ter aberto novas janelas para a produção de conhecimento. A sua compreensão passa, entre outros trânsitos, pela tessitura dos seus signos. É o que pretendemos neste ensaio, em seu sentido provisório, através da Semiologia, de Roland Barthes, contemplando alguns aspectos culturais e filosóficos.

Palavras-chave

complexidade, cultura, semiologia

Abstract

Edgar Morin's complexity's paradigm seems to have opened new windows to knowledge production. Its comprehension passes, among other things, to its signs dialogue. It is what this essay pretends, in a temporary sense, by semiology, of Roland Barthes, contemplating some cultural and philosophical aspects.

Key words

complexity, culture, semiology

O Paradigma da Complexidade possui uma interpelação básica. Parece responder e corresponder a uma pulsão humana: a demanda por um Conhecimento pleno, em sua provisoriamente. Pronuncia o diálogo entre as partes e o todo, e vice-versa. Procura derrubar os limites e as barreiras entre diferentes áreas do saber, com a sua interpelação transdisciplinar.

O presente ensaio, em seu perfil provisório, alimentará um objetivo. Realizará uma leitura semiológica do Paradigma da Complexidade, disponibilizando os pressupostos teóricos de Roland Barthes, em seus aspectos lingüísticos e translingüísticos, bem como em suas possibilidades interdisciplinares.

Signos essenciais

Qualquer tessitura semiológica não é uma homogeneidade, inscrita na linearidade. Não há medidas, pesos e volumes iguais. A simetria dá lugar às relações assimétricas. Existem o essencial e o aparente, tal qual observou Lukács (1989) a respeito dos fenômenos sociais.

O essencial é o estruturante, que apresenta invariância. Possui constância, supra-temporalidade e supra-espacialidade. Move-se pelo simbólico. O aparente é o determinado, o circunstancial, com expressão conjuntural, movendo-se pelo seu sentido imaginário.

No universo semiológico do Paradigma da Complexidade, encontramos os signos essenciais e os signos aparentes. Os essenciais, pelos seus perfis estruturantes, serão contemplados pela nossa leitura. São os seus três signos essenciais: o Signo-objeto, o Signo teórico e o Signo metodológico.

O Signo-objeto estabelece o objeto de estudo, singularizado pelo próprio Paradigma. É desenhado pela própria importância do seu Nominalismo. O Nome não é uma opção aleatória, nem empreendimento gratuito. Tem um papel de fundação. Toma real. Concede materialidade. Transcende a sua temporalidade. É eterno, em seu sentido invariante.

Althusser (1992, p. 193) anota a fundamentalidade do Nominalismo.

(...) Marx iria me ensinar que o Nominalismo é o caminho real para o Materialismo, a bem da verdade, é uma via que só desemboca em si mesma, e não conheço forma mais profunda do Materialismo, além do Nominalismo (...)

O papel do nome é primordial. Materializa a condição de real. Garante as trocas simbólicas de conhecer e de ser reconhecido, de interpelar e de ser interpelado. A sua pronúncia não é vazia. Preenche-se de plenitude. Representa o aval de vida, de modo ativo, como realidade biológica e cultural. Revela-se, como um significante primordial, em essência e por excelência.

Os sujeitos, as instituições, os paradigmas, ou seja, tudo o que ambiciona ter vida possui um pré-requisito. Precisa de uma nomeação, como um estatuto simbólico, que singulariza as impressões digitais de uma identidade.

O termo Paradigma parece ser um dos pontos de partida para a sua compreensão. Kuhn (2000, p. 67) o observa, com um sentido específico. É o “modelo” O que Platão (1997, p. 1331) denominou como “Arquétipo”

Barthes (1971) refere as relações Sintagmáticas e as Paradigmáticas. As primeiras trabalham o mesmo pelo mesmo, quase de modo tautológico. As Paradigmáticas, o mesmo, através do outro. Contemplam a alteridade.

Nesse sentido, temos o Paradigma como “modelo”, em Kuhn, e “Arqueótipo”, em Platão. As suas relações e as suas inter-relações se mobilizam pela perspectiva da alteridade, conforme

Barthes. A perspectiva da alteridade sustenta uma categoria dialética. É a Relação, uma realidade só existe à medida que outra realidade tenha existência. Nada está, absolutamente, separado. Nada é, absolutamente, igual.

A própria categoria Relação não está separada. Encontra-se em diálogo com outra Lei da Dialética. É a Totalidade, como o repertório das relações e inter-relações das partes com o todo, articulando as dimensões objetivas e subjetivas.

Barthes (s. d., p. 84) pensa a Cultura como “as nossas conversas”, “as nossas leituras” e “as nossas músicas” Assim, ele a vê, como Intertexto - o conjunto de influências textuais, que carrega qualquer texto.

A opção de Morin pelo termo “Paradigma”, carrega uma carga cultural. É a categoria Relação e a Lei da Totalidade Social, que pertencem ao método Dialético. Podemos nos interrogar sobre qual Dialética? A caminhada teórica e metodológica do Sujeito Morin não denega a sua condição de ex-comunista, discípulo do pensamento marxista. Com isso, a Dialética se adjetiva. Aparenta ser marxista.

Morin (1999, p. 31-32) faz um resgate etimológico. Recorre ao Latim - “Complexus é o que se tece junto”. Especifica, assim, a tarefa da Complexidade de, ao mesmo tempo, unir (contextualizar e globalizar), e aceitar o desafio da incerteza” Ele (2001 a, p. 45) complementa: “(...) A Complexidade é, cada vez mais, uma complexidade de desconstrução e de criação, de transformação do todo sobre as partes e das partes sobre o todo (...)”

Também, Morin (s. d., p. 7) caracteriza as práticas do pensamento simplificador, para melhor diferenciá-lo do pensamento complexo:

(...) Idealizar (crer que a realidade pode reabsorver-se na idéia, que só o inteligível é real; racionalizar (querer encerrar a realidade na ordem e na coerência de um sistema, proibi-la de transbordar para fora do sistema, precisar de justificar a existência do mundo, conferindo-lhe

um certificado de racionalidade); normalizar (isto é, eliminar o estranho, o irredutível, o mistério (...))

Ao perfilar a singularidade das práticas de Idealização, de Racionalização e de Normatização, Morin estipula o seu conceito sobre o pensamento simplificador, tecendo os seus limites. Assim, por oposição, tece, também, os fios de sua Complexidade.

Barthes (1988) lembra que o resgate da Etimologia possui importância. Significa uma maneira de valorização da hegemonia do significante, em relação ao significado sendo uma prática do Estruturalismo.

Deste modo, o Signo-objeto de Morin condensa as influências culturais da Dialética marxista e do Estruturalismo. Tal simbiose não é anônima. Tem um nome. É a Dialética Histórico-Estrutural (DHE), como um paradigma síntese, de caráter derivado.

A DHE é um método que compatibiliza a Estrutura com o movimento. Passou a contar com maior visibilidade a partir da década de 60, do século XX, através de pensadores importantes. Cabe recordar, entre outros, Claude Lévi-Strauss, na Antropologia, Jacques Lacan, na Psicanálise, Louis Althusser, no Marxismo, e o próprio Barthes, na Semiologia.

Logo, o Signo-objeto - a Complexidade - possui a sua textualidade, marcada e demarcada pelas digitais culturais da DHE. Esta, como expressão dialógica entre o Estruturalismo e a Dialética marxista, se configura como um paradigma, de expressão de síntese.

O Signo metodológico estabelece o conceito sobre as práticas da produção de Conhecimento. É instituído e constituído por sete Princípios da Complexidade, inscritos e circunscritos na rubrica da Transdisciplinaridade.

Morin (1999, p. 32-34) os singulariza, sem valorização de hierarquia: “O Primeiro é o Sistêmico ou Organizacional, o Segundo, o Hogramático, o Terceiro, o Anel Retroativo, o Quarto, o Anel Recursivo, o Quinto, o Auto-eco-organização, o Sexto, o Dialógico, e o sétimo, o da Reintrodução”

O Sistêmico ou Organizacional liga o conhecimento das partes ao conhecimento do todo. O Hologramático observa que as partes estão no todo, e vice-versa. O Anel Retroativo estipula que a causa age no efeito, e vice-versa. O Anel Recursivo estabelece o que o produtor faz o produto, e vice-versa. O Dialógico sustenta que os opostos, os diferentes dialogam na Complexidade. Por fim, a Reintrodução vê o conhecimento como um processo, que envolve o sujeito e o objeto (Morin, *Ibidem.*).

O Sistêmico ou Organizacional denota as marcas culturais de Pascal. Ele (1997, p. 1350-1355) afirma que a produção científica depende da associação entre a emoção e a razão. É a sua configuração da idéia do todo. Também, conotativamente, as partes e o todo dialogam dentro da perspectiva de duas categorias. São a Estrutura e a Relação, explícitas nos olhares metodológicos da DHE.

O Hologramático, como representação, configura uma bela metáfora. Está indexado à categoria de Estrutura, como “o simulacro, que revela o objeto”, o que este não conseguia revelar, conforme Barthes (1971, p. 299).

O Anel Retroativo, o Anel Recursivo e o Auto-eco-organização existem à medida que duas categorias tenham existência. São, novamente, a Estrutura e a Relação. Aparecem, de forma enfática, bem ao sabor epistemológico da DHE.

Morin, em suas intencionalidades e em suas não-intencionalidades, possui um apuro textual. Ele sabe, como poucos, eleger a palavra certa, até para o espaço e o tempo incertos. É o caso da opção por Anel, materializando a idéia de círculo, que conota a noção do todo.

O Dialógico não deixa de ser um resgate etimológico. É a origem da Dialética, na Grécia antiga. Configura-se, outra vez, uma prática do Estruturalismo - o apego à Etimologia -, em dueto com a Dialética. Eis a reiteração da DHE. Qualquer processo dialógico acontece através do agenciamento de duas categorias. São a Estrutura e a Relação. Sem elas, não há como materializar o dialogismo.

Por fim, a Reintrodução sustenta a produção de Conhecimento como um processo, que envolve o objeto e o sujeito. Sintetiza, com

isso, as práticas do Conhecimento complexo, comprometido com a interação das partes com o todo, e vice-versa.

Ao evocar o Dialogismo entre o objeto e o sujeito, Morin faz a contramão de dois significantes básicos do Pensamento linear. São os fetichismos do Positivismo, com a divinização da objetividade, e do Marxismo ortodoxo, com a fé absoluta no determinismo econômico.

Há, no entanto, no texto de Morin, ao evocar o objeto e o sujeito, duas realidades subjacentes. As Condições Objetivas e as Condições Subjetivas, evocadas, anteriormente, pela DHE, procurando abraçar o sentido do todo.

Desta forma, não há como desvincular o Signo metodológico da Complexidade das suas derivações da DHE. Esta, entre outras influências culturais, parece ser essencial, à qual Morin parece nutrir, com sua admirável fidelidade epistemológica.

O Signo teórico é o conjunto das categorias - conceitos classificatórios -, formuladas por Morin. Vamos destacar cinco, que consideramos essenciais, pelos seus sentidos complexos, que, apriori, as caracterizam. São os seguintes: Comunicação, Cultura, Ideologia, Sujeito e Conhecimento.

Morin (2001 a, p. 42-43) dirige o seu olhar para a Comunicação, como um “fenômeno ambivalente” Ele pormenoriza o seu ponto de vista:

(...) Porque o desenvolvimento das comunicações (...) é um fenômeno notável no sentido que pode ter efeitos muito positivos, que permitam comunicar, entender e intercambiar informações. Mas não devemos confundir comunicação e compreensão, porque a comunicação de informação às pessoas ou grupos, que podem entender a informação. Mas a compreensão é um fenômeno que mobiliza os poderes subjetivos de simpatia, para entender uma pessoa, como pessoa, que é também um sujeito (...)

A Comunicação é considerada em seu sentido etimológico. Significa compartilhar, tomar comuns os signos, sob o formato de

informação, como um fenômeno ambivalente. Apresenta aspectos positivos - facilidade de “comunicar, entender e intercambiar informações”

A analogia com a compreensão parece prefaciá-los aspectos negativos, que carecem de um melhor desenvolvimento. A Comunicação está associada com o processo informativo. A compreensão transita pelas vias da simpatia no perímetro das questões subjetivas.

A Comunicação é multifacetada, por natureza. Está impregnada por um repertório plural de saberes. Dialoga com inúmeras disciplinas. Possui, a priori, um perfil complexo, bem ao gosto da Complexidade, proposta por Morin.

A potencialidade complexa é sintetizada pela apreciável prática reducionista. Existem o mérito do resgate etimológico e o demérito de ir pouco além. A Comunicação, em seu perfil ambivalente, é reduzida à função informativa, sem qualquer metalinguagem sobre a compreensão de Informação. Assim, a Complexidade parece ter encontrado o seu sentido antitético. É lincarizada e simplificada.

Morin (2002, p. 79) pensa a Cultura como “organizada/organizadora” Pronuncia-se, via linguagem, através dos “conhecimentos adquiridos, das competências apreendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade” Ele acrescenta:

(...) Assim, se manifestam 'representações coletivas', 'consciência coletiva' 'imaginário coletivo E, dispendo de seu capital cognitivo, a Cultura institui as regras/normas, que organizam a sociedade e governam os 'comportamentos individuais'. Assim, a cultura não é nem 'superestrutura', nem 'infra-estrutura' termos impróprios em uma organização recursiva, onde o que é produzido e gerado torna-se produtor e gerador daquilo, que o produz ou gera (...)

O Princípio do Anel Recursivo parece estabelecer a concepção de Cultura. Apresenta os traços passivos e ativos. É, ao mesmo tempo, organizada e organizadora. Morin a localiza na linguagem,

configurando cinco dimensões. Ele salienta os “conhecimentos adquiridos”, as “competências apreendidas”, as “experiências vividas”, a “memória histórica” e as “crenças míticas”

Se a Cultura tem pronúncia nos eventos lingüísticos, cabe cogitar o papel da Comunicação. Deve ser contemplado, em sua inserção cultural. Contudo, a categoria Comunicação, como vimos anteriormente, é simplificada, sob o signo da linearidade.

Tal abordagem não fica isolada. Possui reprodução na formulação da Cultura, onde a Comunicação não ganha a visibilidade da explicitude. Participa, sem participar do dialogismo cultural. Habita a implicitude do discurso oculto.

Morin desembarca das categorias marxistas, Infra-estrutura e Superestrutura. Toma-as descartáveis, por não serem recursivas, sem uma discussão. Não as examina, ao saber da Complexidade. A argumentação parece assumir o sentido de um belo Estereótipo, tautologicamente, consolidado.

Desta forma, observamos que a categoria Cultura tem o seu sentido complexo, através do Princípio do Anel Recursivo. No entanto, o mesmo não ocorre com o Princípio Dialógico. Não há um diálogo explícito entre a Cultura e a Comunicação, que possa melhor estabelecer o saber do pensamento complexo.

Morin (2002, p. 168) propõe as Ideologias como um sistema de idéias, entre outros. Ele (Ibidem, p. 157) se preocupa, de início, com a questão conceitual, detalhando-a:

Um sistema de idéias constitui-se de uma constelação de conceitos associados de maneira solidária, cujo agenciamento é estabelecido por vínculos lógicos (ou com tal aparência), em virtude de axiomas, postulados e princípios de organização subjacentes; tal sistema produz o seu campo de competência, enunciados com valor de verdade e, eventualmente, previsões quanto a fatos e acontecimentos que deverão manifestar-se (...)

Sobre os Sistemas Filosóficos e as grandes Ideologias, Morin (Ibidem., p. 163) procede a distinção em três tipos:

(...)- os sistemas de idéias, cujo campo de pertinência limita-se, apenas, ao conhecimento (teorias científicas); - os sistemas de idéias, que ligam estreitamente fatos e valores e, portanto, têm um aspecto normativo (teorias não-científicas, doutrinas, sistemas filosóficos, ideologias políticas); - os sistemas de idéias, com pretensão explicativa universal (grandes doutrinas, grandes sistemas filosóficos, grandes ideologias (...))

Morin (Ibidem., p. 171-172) sublinha a ruptura entre as filosofias e as ideologias, “que, na maior parte do tempo, saem de idéias filosóficas” Ele acrescenta:

As ideologias são vulgáticas (vulgata: versão disseminada) e estendem a sua influência para além intelligentsia, ao mundo político e social. As ideologias tomam de empréstimo, às filosofias, o núcleo axiomático e as idéias centrais; buscam aí coerência organizadora, mas de maneira simplificadora, degradada, dogmática, o que as transforma em sistemas de outra natureza: as ideologias perderam a problemática e a complexidade, que fazem a originalidade filosófica. Compreende-se, então, o sentido pejorativo do termo ‘ideologia’ o qual sempre conota um defeito, uma falta, uma ilusão (...)

A opção pela expressão “sistema de idéias” não é gratuita, nem aleatória. Tem pertinência e faz sentido. Resgata o Conceito geral de Ideologia, em sua anotação etimológica. A categoria Sistema possui inúmeros endereços epistemológicos, muitos de segunda mão. Não há como desconhecer a sua origem epistemológica. É o Estruturalismo, sobretudo, a partir dos seus estudos de linguagem.

Outra vez, observarmos, como já ocorrera antes, a preocupação de Morin com a Etimologia. É a reiteração de outra prática estruturalista, como ponto de partida, para a concepção e para a formulação das categorias.

Além do Conceito geral, existe a abordagem do Conceito particular. É a Ideologia, no sentido pejorativo, de distorção, falsa consciência e de ilusão. Surgiu, com Napoleão Bonaparte, em 1812, depois ganhou notoriedade, especialmente, nos textos marxistas.

Morin, ao abordar os Conceitos geral e particular, realiza uma escolha léxica pertinente. Trabalha as Ideologias como um dos sistemas de idéias. Possuem origem em um sistema filosófico, mas se desvirtuam pelo dogmatismo e pela simplificação.

Existe a pluralização dos sistemas de idéias, contemplando o Conceito geral de Ideologia. A partir dele, surge o Conceito particular, que agencia a existência das Ideologias. São formulados, sobretudo, por intermédio do Dialogismo.

Desta maneira, a questão ideológica, em sua expressão ambivalente, é formulada, com Complexidade. Os Conceitos geral e particular dialogam, em suas convergências e divergências, como sistemas de idéias, que são classificados em uma tipologia.

O Sujeito, em Morin (2001 b, p. 129-130), possui uma configuração, ditada pela singularidade: “(...) Cada indivíduo é um sujeito único e original, não por ser um indivíduo, mas por existir a partir de um intertexto, que é próprio a sua vida(...)”

Assim, o sujeito é a parte e o mundo, o todo. Ele tem as possibilidades de “Auto-organização e de Reorganização”, adverte Morin (Ibidem.). É a capacidade de se “transformar sempre, de manter a sua identidade”

O sujeito moriniano está estruturado na perspectiva da Complexidade. Isso ocorre devido à sua lógica de formulação, comprometida, sobretudo pelos Princípios do Pensamento Complexo, que estipulam o dialogismo entre as partes e o todo.

Ainda assim, a categoria, em sua singularidade, não está descolada de uma antecedência, subjacente, e implícita. É concebida, a partir de Althusser, onde o sentido de Sujeito convive com a dialética da liberdade e da submissão.

Morin (1999, p. 64-65) dimensiona a importância do Conhecimento. Ele observa que o Conhecimento está no próprio ser, porquanto “nascer é conhecer” Também, pormenoriza:

(. . .) O Conhecimento é necessariamente: tradução de signos/símbolos e em sistemas de signos/símbolos; construção, ou seja, tradução construtora a partir de princípios/regras, que permitem construir sistemas cognitivos, articulando informações/signos e símbolos; solução de problemas, a começar pelo problema cognitivo da adequação da construção tradutora à realidade, que se trata de conhecer (...)

A conjugação da ação de conhecer está relacionada à linguagem. Não é uma tradução qualquer, mas uma “tradução construtora”, aparelhada de “princípios/regras” Precisa ter a capacidade de revelação e a autocapacidade do seu relativismo, porque o real, em toda a sua extensão e profundidade, é indizível.

Tal Antítese aparenta dispor de uma Síntese, através do Dialogismo, onde os opostos encontram os seus vértices de diálogo. Também, a Reintrodução tem importância, concebendo o Conhecimento como um processo, que envolve o objeto e o sujeito. Assim, conhecer é viver, e vice-versa. A equivalência e a reciprocidade de sinonímia instauram o conhecer-viver como o todo, em interação com as partes. São os vários lados, tecidos pela Complexidade.

Com isso, tivemos a leitura do Signo teórico, construído pelas categorias Comunicação, Cultura, Ideologias, Sujeito e Conhecimento. Todas, em geral, possuem, a priori, uma potencialidade complexa, em suas dimensões objetivas e subjetivas.

A abordagem da Complexidade se manifestou, de modo mais enfático, em quatro categorias. Foram a Cultura, Ideologias, Sujeito e Conhecimento, que, como partes, dialogaram com o todo - o Paradigma -, em especial, com os seus princípios.

A Comunicação aparentou ser a contramão disso. Foi reduzida, como um processo informativo, sendo decodificada como uma função. Não possuiu uma abordagem complexa. Foi angulada por ponto-de-vista linear e simplificador.

Desta forma, observamos a Cultura, Ideologias, Sujeito e Conhecimento, formuladas e bem-articuladas. O mesmo não ocorreu com a Comunicação. Assim, o Signo teórico precisa, em sua

potencialidade complexa, ser mais fiel aos Princípios da Complexidade, tanto quanto o é aos débitos culturais, que tem com a DHE.

O novo Signo-objeto

Morin propõe um novo Signo-objeto. É a Complexidade. Distingue-se do objeto da DHE - os eventos históricos em seus aspectos culturais e ideológicos. É transdisciplinar, em sua essencialidade. Transcende a geografia das Ciências Sociais e Humanas. Procura ocupar os espaços dialógicos com todas as ciências.

A Interdisciplinaridade prevê a colaboração entre diferentes disciplinas. Preserva, entretanto, os seus objetos de estudo. Apresenta limites, agendando-se como uma colaboração circunstancial e sazonal. Ao contrário, a Transdisciplinaridade derruba os muros e as cercas. Põe abaixo os limites e as separações. Instaura a dialogicidade entre as disciplinas, de modo permanente.

Morin não inventou a Complexidade, mas teve um mérito apreciável. Transformou-a em um objeto do estudo científico. Concedeu-lhe relevância. Delimitou-a, concedendo o benefício à incerteza e desenhando a sua fisionomia transdisciplinar.

Emergiu um novo Signo-objeto para a cientificidade. Saiu da imersão das entrelinhas, do subtexto e do oculto nos bastidores textuais. A Complexidade ascendeu à condição de objeto científico, em sua inscrição de relevância.

O processo de nascimento de um novo objeto para a prática científica. Tem, em Althusser (1991, p. 76), uma nomeação. É o “corte epistemológico”. Morin, com a Complexidade, produziu, então, um, ensejando um novo mirante, para o olhar da cientificidade.

Um novo Signo-objeto não vive isoladamente. Necessita da convivência dos Signos teórico e metodológico. A sua relação não é Sintagmática apenas, mas, sobretudo, Paradigmática, para a composição do seu código e estatuto de Ciência.

Os Signos teóricos e metodológicos da Complexidade carecem, ainda, de uma condição. Não são tão complexos, nem tão novos em relação ao objeto proposto. Caminham não com os próprios pés e as próprias pernas, porém com os pés e as pernas da DHE.

Podemos cogitar de que a Transdisciplinaridade conceda a autorização para a apropriação de categorias e de leis da DHE. Isso, no entanto, não é salvo-conduto para que a Complexidade não disponha de singularidade dos seus Signos teóricos e metodológicos.

Não há como propor a Complexidade sem considerar as categorias Estrutura e Relação, bem como a Lei da Totalidade Social, próprias da DHE. Se elas são essenciais, não devem ser subjacentes, ou meros armarinhos da implicitude do discurso oculto.

Se não forem compreendidas como essenciais, devem ser substituídas por outras categorias e outros princípios, pertinentes à Complexidade. Com isso, um novo objeto científico poderá possuir a sua lógica epistemológica. Sem isso, a Complexidade não será mais do que um paradigma subderivado, uma espécie de filial de luxo de uma matriz: a DHE, que já é, por origem, derivada.

Althusser (1991, p. 56) conceitua a “juventude de uma ciência”: “(...) A juventude de uma ciência é a sua idade madura: antes dessa idade, ela é velha, tendo a idade dos preconceitos, em que vive, como uma criança vive os preconceitos e, portanto, a idade de seus pais (...)”

Logo, o Paradigma da Complexidade tem um Signo-objeto próprio, porém carece da singularidade de alguns Signos teóricos e metodológicos próprios. Parece não ter cortado o cordão umbilical da DHE. É um paradigma importante, pela pulsão de um conhecimento pleno, em sua provisoriedade. Não teve, todavia, tempo para ser jovem...

Bibliografia

- ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan - Marx e Freud*. 3 ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- . *O futuro dura muito tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BARTHES, Roland. *Ensaio Críticos*. Lisboa: Edições 70, 1971.
- . *Escritores, intelectuais, professores e outros ensaios*. Lisboa: Presença, s. d.
- . *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- KUHN, Thomas. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe - estudos de Dialética marxista*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elfos, 1989.
- MORIN, Edgar. *O método 3 - o Conhecimento do Conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- . *O método 1 - a Natureza da Natureza*. Lisboa: Europa - América, s. d.
- . *As duas Globalizações - Complexidade e Comunicação, uma pedagogia do presente*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001 a.
- . *O método 4 - as Idéias, habitat, vida, costumes e organização*. 3ª. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- . *O método 2 - a Vida da Vida*. Porto Alegre: Sulina, 2001 b.
- PASCAL apud Logos - *Enciclopédia luso-brasileira de filosofia*, v. 3. Lisboa: Editorial Verbo, 1997.
- PLATÃO apud Logos - *Enciclopédia luso-brasileira de filosofia*, v. 3. Lisboa: Editorial Verbo, 1997.